Revista da

ADB

Revista da Associação dos Diplomatas Brasileiros (ADB) e da ADB Sindical
Ano XXIII nº 102 • Janeiro a Dezembro de 2021

60 anos das primeiras Embaixadas do Brasil na África subsaariana

CRÔNICA
Perfil do diplomata e intelectual José Guilherme Merquior

CRÔNICA
Papel do esporte nas relações internacionais

ADB amplia convênios com instituições de ensino

A carteira de convênios da ADB foi reforçada na primeira semana de outubro. A Associação firmou parceria com o Colégio Maria Imaculada, em Brasília, que concederá descontos de 15% para educação infantil e de 10% para o ensino fundamental.

Colégio Maria Imaculada
cmidf.com.br | (61) 3248-4768

Confiram os convênios com outros estabelecimentos de ensino.

Escola das Nações – School of the Nations
SIS Swiss International School
The British School of Brasilia – World Class Education
ifesp
Creche e Pré-Escola Cabo Frio
Escola Canarinho
Colégio Sérios
Escolas Pedacinho do Céu

Acesse o site da ADB (abd.org.br) e obtenha mais informações sobre os convênios com outras empresas de saúde, hotéis e pousadas, locadoras de carro, academias de ginástica, restaurantes e escritório de advocacia.

DIRETORIA DA ADB

Presidente – Embaixadora Maria Celina de Azevedo Rodrigues
Vice-presidente – Embaixador Fábio Mendes Marzano
Diretora Administrativa – Conselheira Ana Paula Kobe
Diretora Parlamentar – Secretária Daniele Luz
Diretor de Estudos e Pesquisas – Conselheiro Francisco Eduardo Novello
Diretor Jurídico – Secretário Thiago Couto Carneiro
Diretor Financeiro – Secretário Rodrigo Ponciano Guedes Bastos dos Santos
Diretora de Comunicação – Secretária Clarissa Alves Machado
Diretor de Eventos – Secretário Matheus Freitas Rocha Bastos

CONSELHO FISCAL

Secretário Ricardo Martins Rizzo
Secretária Laís Monteiro Pontes da Silva
Secretária Laís de Souza Garcia

SECRETARIADO

Jacqueline Francisca da Cruz – Assistente administrativa
Danielle de Sousa Sabiá – Assistente administrativa

EXPEDIENTE/SUMÁRIO

Revista da Associação dos Diplomatas Brasileiros (ADB) e da ADB Sindical
Ano XXIII – Nº 102 | Edição Janeiro a Dezembro de 2021
ISSN 0104–8503

CONSELHO EDITORIAL
Embaixadora Maria Celina de Azevedo Rodrigues
Terceira-Secretária Clarissa Alves Machado

TEXTOS
Embaixador Affonso Alencastro Massot
Embaixador Douglas Wanderley de Vasconcellos
Embaixador Guilherme Luiz Leite Ribeiro
Embaixador J. A. de Macedo Soares
Embaixadora Maria Celina de Azevedo Rodrigues
Primeira Secretária Daniele Farias Luz
Terceira-Secretária Clarissa Alves Machado
Terceiro-Secretário Rafael Galera

PRODUÇÃO EDITORIAL
Ronaldo de Moura

EDIÇÃO E REVISÃO
Ronaldo de Moura

PROJETO GRÁFICO
Wagner Ulisses / Cristian Lisboa

DIAGRAMAÇÂO
Cristian Lisboa

IMPRESSÃO
Papel e Cores

TIRAGEM
2.500 exemplares

04 CARTA AOS(ÀS) ASSOCIADOS(AS)
05 GESTÃO EM FOCO
09 ARTES
12 PELO MUNDO
16 CRÔNICA
20 MATÉRIA DE CAPA
28 HOMENAGEM
30 CRÔNICA
34 HOMENAGEM
36 LIVROS
38 HUMOR

Diplomata 24h por dia

Caros leitores(as) e queridos(as) colegas,

Escrevo estas linhas ainda sob a emoção que me causou o convite para ser paraninfa da mais jovem turma de diplomatas brasileiros, a Turma Embaixador José Jobim.

A experiência me fez relembrar e refletir sobre a minha própria trajetória na diplomacia, desde as tentativas – obviamente, em vão – de meu pai, Jayme Azevedo Rodrigues, de demover-me da ideia por conta dos "machismos da carreira", passando pela memória de meu saudoso companheiro Henri, que corajosamente me acompanhou nessa jornada, até a minha vivência, hoje, à frente da ADB Sindical, que me permite um contato renovador com os mais jovens.

Durante a cerimônia de formatura, realizada no início de setembro, enfatizei, em meu discurso, o caráter de sacerdócio de que se reveste a nossa carreira: o diplomata é diplomata 24h por dia.

Em tempos em que o diálogo se mostra cada vez mais difícil, em que as paixões políticas atrasam ou mesmo impedem a construção de projetos comuns, temos o dever de buscar a negociação, a boa luta. É da natureza da carreira conhecer as sutilezas, saber ler as circunstâncias com argúcia, estar atento ao dito e ao não dito, ao que jaz nas entrelinhas. E ter sempre em mente que, acima de tudo, a nossa missão é defender os interesses do Brasil e dos brasileiros.

A ADB segue engajada em promover o diálogo e grata às pontes que se têm construído na Casa. Manteremos a firmeza sempre que for necessário defender os interesses dos(as) diplomatas brasileiros(as), ao mesmo tempo em que seguiremos abertos aos múltiplos pontos de vista de nossos(as) associados(as).

Demonstram a nossa defesa intransigente da carreira algumas das ações que levamos a cabo nos últimos meses, sobre as quais as senhoras e senhores poderão ler nas próximas páginas. Destaco, em especial, as tratativas referentes ao abate-teto e à residência funcional, que causaram grande apreensão nos últimos tempos.

Como não só de desafios vivemos, as próximas páginas também estão recheadas de cultura e história. A começar pela homenagem, na matéria de capa, às primeiras Embaixadas do Brasil na África Subsaariana, que nos relembram de momento ímpar da história da política exterior do Brasil.

Esta edição também traz belíssimo texto em memória ao diplomata José Guilherme Merchior; artigo interessantíssimo sobre esporte, poder e relações internacionais; e lindas homenagens à saudosa embaixadora Vera Pedrosa e ao querido embaixador Francisco Thompson Flores – o Frank –, falecidos neste ano.

Findo esta Carta aos Associados desejando a todos(as) uma **boa leitura!**

Embaixadora **Maria Celina de Azevedo Rodrigues**, Presidente da ADB e da ADB Sindical

ADB Divulgação

Abate-teto: ADB ajuíza ação

Em 23 de julho, a ADB Sindical ajuizou ação coletiva visando afastar a aplicação do teto remuneratório aos salários dos diplomatas em exercício no exterior. O processo foi autuado sob o número 1009255-47.2021.4.01.3400. Os autos foram distribuídos para a 22ª Vara Federal da Seção Judiciária do Distrito Federal.

A ADB aproveita a oportunidade para comunicar aos associados que recebeu a informação de que, em 19 de julho, a Administração formalizou consulta ao Tribunal de Contas da União (TCU) sobre o abate-teto, solicitando parecer sobre a possibilidade de utilizar metodologia de cálculo da OCDE (baseada na paridade do poder de compra) para cálculo dos salários no exterior. O tema aguarda análise técnica e votação no plenário do Tribunal.

Finalmente, a Associação e Sindicato chama a atenção para o fato de que o Substitutivo à Proposta de Emenda à Constituição que estabelece a Reforma Administrativa (PEC 32/2020), apresentado pelo relator da PEC na Câmara dos Deputados no dia 31 de agosto, confere ao art. 37, § 11, a seguinte redação: "Não serão computadas, para efeito dos limites remuneratórios de que trata o inciso XI do caput deste artigo, as parcelas de caráter indenizatório previstas em lei *e os pagamentos feitos em moeda estrangeira*". O texto completo do substitutivo está disponível no site da Câmara dos Deputados.

ADB parabeniza a turma Embaixador José Jobim

Gustavo Magalhães/MRE

A ADB Sindical felicita a turma de formados do Instituto Rio Branco "Embaixador José Jobim", cuja paraninfa foi a Presidente da ADB, embaixadora Maria Celina de Azevedo Rodrigues.

Ao tempo em que desejamos êxito aos(às) novos(as) diplomatas na missão de defender e representar o Brasil no exterior, damo-lhes as boas-vindas a esta importante carreira de Estado, que com muito orgulho e entusiasmo representamos.

RF: ADB requer intervenção como *amicus curiae* em ação do Sinditamaraty

Como é de amplo conhecimento, o Sinditamaraty ingressou com ação coletiva contra a União a fim de que o auxílio-moradia (Residência Funcional – RF) fosse pago no mesmo valor para todos os servidores do MRE em missão permanente ou transitória no exterior, independentemente do cargo ou da classe que ocupam na carreira (Processo n. 1033244-19.2020.4.01.3400).

Em observância à decisão liminar da 8ª Vara Federal Cível do Distrito Federal, favorável ao pleito, e à luz do contexto orçamentário vigente, a Administração optou por reduzir o limite do reembolso da LIM-RF a seu valor mínimo atual, causando graves prejuízos aos servidores, principalmente aos diplomatas. A União interpôs recurso para a suspensão da liminar, que foi provido pelo Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

Especificidades funcionais no MRE

Diante desses fatos, a ADB Sindical requereu ao juízo da 1ª instância autorização para participar da referida ação judicial como "*Amicus curiae*". A Associação lembra que, no pagamento de valores escalonados, além dos critérios comuns aplicados a todos os servidores no exterior, como localização e segurança, devem também ser levadas em conta, forçosamente, as especificidades funcionais e, portanto, a hierarquia das carreiras, com seus deveres e responsabilidades diferenciadas.

De acordo com a Constituição Federal, art. 52, inciso IV, e a Lei n. 11.440/2006, art. 3°, os diplomatas são representantes do Estado Brasileiro; são agentes de poder incumbidos das tarefas institucionais de representação, negociação, informação e proteção de interesses brasileiros no campo internacional.

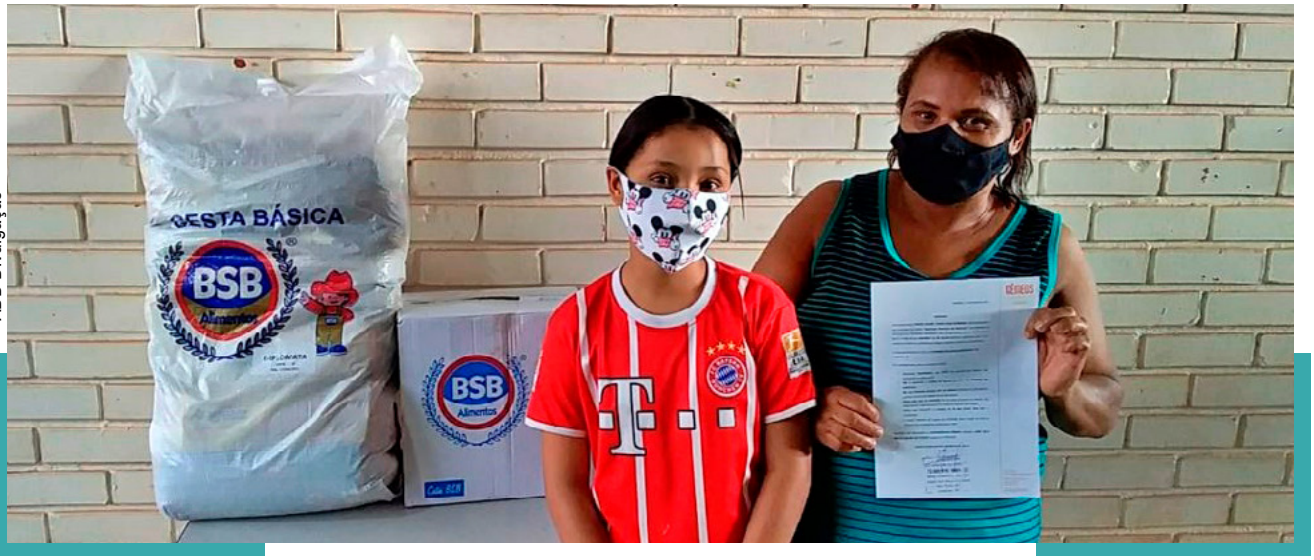
Por sua vez, os Oficiais e Assistentes de Chancelaria desempenham funções técnico-administrativas e de apoio operacional (Leis n. 8.829/1993, arts. 2º e 3°, e n. 11.440/2006, arts. 4° e 5°). Nessas condições, não deveria ter acolhida a tese do Sinditamaraty de que apenas a realidade do posto deveria ser considerada, rejeitando-se *prima facie* os demais critérios objetivos empregados na metodologia de cálculo da RF.

A ADB/Sindical reitera sua disposição de cooperar com todos os interessados na busca de uma solução que não venha a ferir o conceito que fundamentou a criação da Residência Funcional, nem contribua para subverter, por vias oblíquas, a hierarquia e as competências funcionais que sempre caracterizaram o Serviço Exterior Brasileiro.

Campanha "Adote uma família, doe uma cesta básica"

A campanha "Adote uma família, doe uma cesta básica", promovida pela ADB Sindical, tem levado alimentos e outros itens básicos de higiene aos lares de estudantes do Sol Nascente, região do entorno de Brasília, desde fevereiro de 2021. Com forte apoio dos associados, a campanha procura assegurar o essencial a famílias que ficaram sem qualquer fonte de renda devido aos efeitos da pandemia sobre o emprego e a renda neste ano.

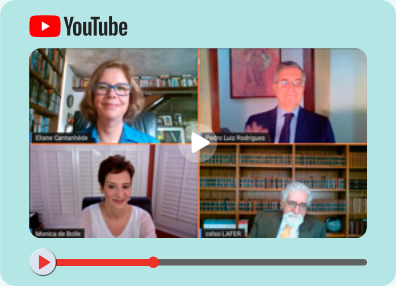
Em maio, a presidente da ADB, embaixadora Maria Celina Rodrigues, visitou pessoalmente a escola para acompanhar a entrega de doações. "Este é um projeto que emociona muito a todos nós. Abraçar iniciativas de apoio à escola reforça valores pelos quais os diplomatas brasileiros prezam muito. Além disso, renovou a nossa fé nas pessoas tomar conhecimento de que famílias que conseguiram superar a situação de perda da renda espontaneamente comunicaram esse fato à escola para que outras famílias em situação de vulnerabilidade também pudessem receber o benefício", conta a embaixadora.



ADB Divulgação

Confira os últimos webinares promovidos pela ADB

Em 2021, a ADB retomou a agenda de webinares sobre temas de interesse da carreira que são destaques na atualidade. A iniciativa busca não apenas suscitar o debate público, como também dar publicidade a temas do cotidiano dos diplomatas brasileiros.



JANEIRO

AS MUDANÇAS SOCIAIS E POLÍTICAS NOS EUA E OS REFLEXOS SOBRE AS RELAÇÕES COM O BRASIL E O MUNDO

Mediado pela jornalista Eliane Cantanhêde, o debate reuniu o embaixador Celso Lafer, ex-Ministro das Relações Exteriores; a economista Mônica de Bolle; e o embaixador e jornalista Pedro Luiz Rodrigues.

ABRIL

CIÊNCIA E SAÚDE: A DIPLOMACIA NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA

Mediado pela jornalista Miriam Leitão, contou com a participação do embaixador Marcos Azambuja; do Gerente-Geral de Medicamentos e Produtos Biológicos na Anvisa, Gustavo Mendes Lima Santos; e do Dr. Luiz Augusto Galvão, médico e pesquisador sênior da Fiocruz.

MAIO

DIPLOMACIA DO MEIO AMBIENTE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

Mediado pela jornalista Carol Nogueira, reuniu o embaixador e jornalista Pedro Luiz Rodrigues; o coordenador do Centro de Agronegócio na Escola de Economia de São Paulo (FGV EESP), Roberto Rodrigues; e o engenheiro florestal e Mestre em Ciências Florestais pela UFV, Bernardo Machado Pires.

JULHO

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA ERA DA DESINFORMAÇÃO E DAS FAKE NEWS

Mediado pela jornalista Gloria Vanique, contou com a participação do diretor de Estratégia e Negócios da Agência Lupa, Gilberto Scofield Jr; do chefe do Serviço de Neurologia do Hospital São Lucas - Pontifícia PUCRS, André Palmini; do Senador Angelo Coronel (PSD-BA), relator do projeto de Fake News no Congresso; e do embaixador José Alfredo Graça Lima.

Os cinco bois pintados pelo primeiro-ministro Han Huang

Em papel feito de linho, de 20,8 cm por 139,8 cm, estão pintados cinco bois com grande realismo. O autor da pintura não assinou a obra e nem deixou o seu carimbo de identificação. Contudo, a obra sempre foi atribuída a Han Huang (723-787 AD), primeiro-ministro durante o reinado do imperador Dezong (745 – 805 AD), da dinastia Tang.

Confirmando a autoria, 14 colofones ou carimbos com informação sobre a obra registram a quem pertenceu a pintura nos mais de 12 séculos de sua história. Entre tais registros, está o de Zhao Mengfu (1254-1322 AD), um dos mais importantes pintores e calígrafos na história da China e que classifica a pintura como sendo uma "rara pedra preciosa" e, sem dúvida, do pintor Han Huang.

No correr de sua longa carreira profissional, Han Huang ficou conhecido por sua frugalidade e integridade pessoal. Em contrapartida, alguns historiadores chineses o acusam de excesso de severidade e até mesmo de crueldade no modo de governar. Contudo, a posteridade irá recordar Han Huang como pintor e calígrafo, mais do que como administrador, funcionário público ou chefe militar.

Acima de tudo, o primeiro-ministro Han Huang é lembrado por ser o autor de uma obra-prima como a pintura "Cinco bois". É a sua única obra a sobreviver e um dos raros exemplos de pintura da dinastia Tang sobre papel ou seda que tenham chegado a nossos dias.

A maior parte das pinturas da antiga China apresenta temas de flores, pássaros, vistas e figuras humanas. A obra de Han Huang é, portanto, exemplo incomum de pintura com o tema de bois. Em determinada etapa de sua vida profissional, Han Huang foi funcionário

> "Com mais de 12 séculos de existência, a pintura "Cinco bois", do primeiro ministro, pintor e calígrafo Han Huang, é considerada uma 'rara pedra preciosa' na China"

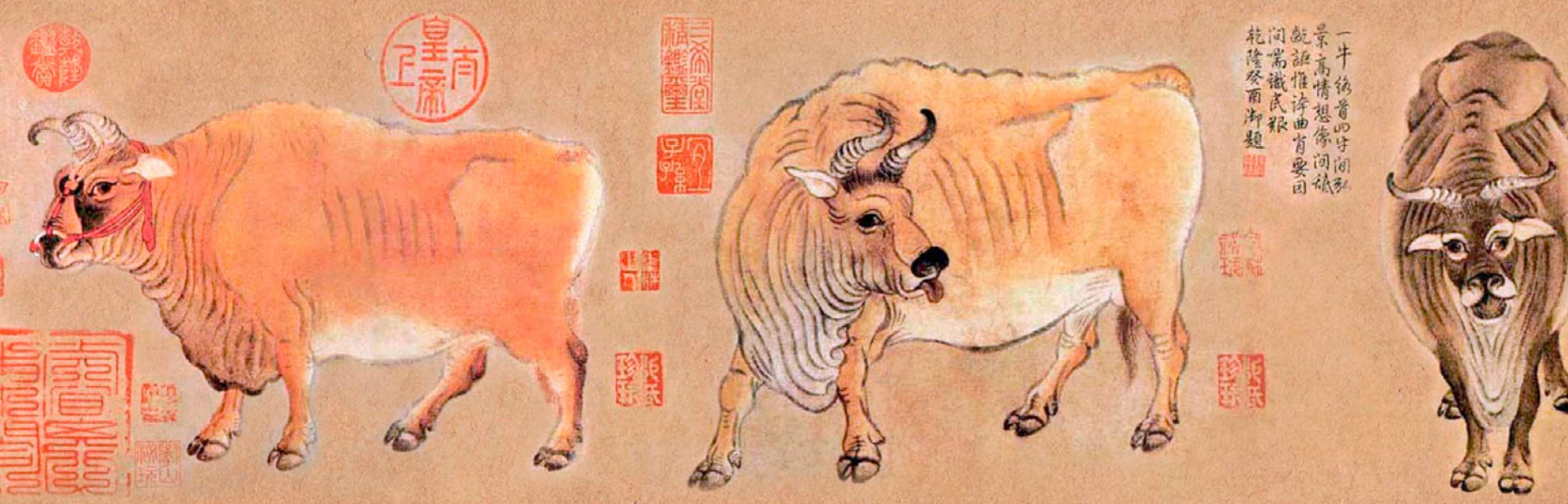
Kallgan / Wiki Commons

O Museu do Palácio é um museu nacional localizado na Cidade Proibida, no centro de Pequim, onde a obra está localizada

encarregado de agricultura e talvez a pintura "Cinco bois" reflita o seu interesse por incentivar atividades rurais.

Insurgência dos *boxers*

Mas quis o destino que esta obra-prima tivesse ainda um capítulo turbulento na sua história. No final do século XIX, os países ocidentais e o Japão tinham controle comercial e territorial em grande parte do norte da China. Surge uma sociedade secreta de camponeses ("Os justos e harmoniosos punhos"), chamada de *boxers* pelos estrangeiros. Estes insurgentes desejavam expulsar os estrangeiros e hostilizavam missionários e fiéis cristãos. A violência alcança a capital Pequim, em junho de 1900, quando foram destruídas estações ferroviárias e igrejas.



> A pintura 'Cinco bois' ficou extraviada por meio século na China. A obra reapareceu nos anos 50 do século passado e foi resgatada em um leilão realizado em Hong Kong, por determinação do então premier Zhou En-lai. Após cuidadosa restauração, esta obra prima das artes plásticas chinesa pode atualmente ser apreciada no Museu do Palácio, em Pequim

A imperatriz viúva Tzu'u Hzi, sentindo-se ameaçada pela rebelião, declara guerra a todos os países que mantinham relações diplomáticas com a China e ordena as suas tropas a apoiarem os *boxers*. No dia seguinte é sitiado o bairro onde estavam localizadas as missões diplomáticas em Pequim.

O sítio pelos camponeses *boxers* e tropas imperiais iria durar 55 dias. Um triste episódio cujas repercussões seriam sentidas por décadas. Uma primeira coluna de socorro não alcançou Pequim. Uma segunda ofensiva, com cerca de 55 mil homens, de oito nações (Japão, Rússia, Reino Unido, França, EUA, Alemanha, Itália e Áustria-Hungria) toma Pequim. A imperatriz foge da capital e segue-se período de atrocidades por parte das tropas internacionais que ocupam Pequim e outras cidades do norte do país por mais de um ano, fato nunca esquecido pelos chineses.

Desaparecimento e resgate

Na confusão do ataque ao Palácio Imperial, "desaparece" a pintura "Cinco bois" e nada mais se sabe desta obra-prima por 50 anos. No início dos anos 50, surge a notícia de que a pintura iria a leilão em Hong Kong. Por instrução do próprio premier Zhou En-lai, a pintura é recuperada e restaurada, inclusive, das centenas de orifícios de insetos, resultado de má embalagem por meio século.

Na sua glória original, a pintura está agora no Museu do Palácio, em Pequim.

E cabe encerrar esta pequena estória sobre bois com os votos de um Feliz Ano do Boi de Metal, a iniciar em 11 de fevereiro de 2021.

J. A. de Macedo Soares,
Embaixador aposentado.

Conheça a chancelaria togolesa

O Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Togolesa foi criado em 1962, ano em que o país oeste-africano estabeleceu relações diplomáticas com o Brasil. 10 anos mais tarde, a capital Lomé seria um dos destinos do "périplo africano" realizado pelo chanceler Mário Gibson Barboza. A última visita oficial de autoridade togolesa ao Brasil ocorreu em junho de 2019, quando o chanceler Robert Dussey esteve em Brasília e no Rio de Janeiro.

Nesta entrevista, gentilmente concedida pelo Encarregado de Negócios do Togo no Brasil, Lucien Eyana Edjaide, conhecemos um pouco melhor sobre o funcionamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros, da Integração Africana e dos Togoleses no Exterior.

Quando foi fundado o Serviço Exterior do seu país e qual é sua estrutura?

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a oportunidade de falar sobre o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Togo, em particular a sua organização e funcionamento. O interesse pelo nosso ministério é certamente compatível com a excelente qualidade das relações que nossos países mantêm, graças às mulheres e aos homens que trabalham todos os dias, em todos os níveis, para a sua melhoria contínua.

Voltando à sua pergunta, posso dizer que o ministério foi criado, como os demais órgãos de soberania do Estado, logo após a ascensão do nosso país à soberania internacional em 27 de abril de 1960.

O ministério subdivide-se em Administração Central e Serviço Exterior. A primeira compreende o Gabinete do Ministro, a Secretaria Geral e 10 Diretorias Técnicas (Protocolo do Estado; Assuntos Jurídicos e Consulares; Integração Africana; Assuntos Políticos; Organizações Internacionais; Assuntos de Defesa e Segurança; Cooperação Internacional; Togoleses no Exterior; Assuntos Administrativos e Financeiros; e Inspeção Geral de Missões Diplomáticas e Consulares).

O Serviço Exterior, por sua vez, inclui as embaixadas togolesas em todo o mundo, em particular em Paris, Berlim, Londres, Bruxelas, Genebra, Pequim, Tóquio, Nova Délhi, Kuwait, Rabat, Abuja, Acra, Adis Abeba, Kinshasa, Libreville, Pretória, Brasília, Nova York, Washington e Ottawa, bem como a missão junto à UNESCO, em Paris, o Escritório de Ligação em

Raylson Ribeiro/MRE

Cotonou, no Benin, e o Consulado Geral em Jidá, na Arábia Saudita.

Qual é o número de missões e de funcionários diplomáticos? Existe um corpo fixo de funcionários que não vai para o exterior, permanecendo na capital do país?

Quanto à lotação de pessoal nos postos, posso afirmar que todos os quadros diplomáticos e consulares estão vocacionados a serem lotados no Serviço Exterior do Ministério. Por outro lado, em razão de uma política de racionalização dos gastos públicos, o pessoal de apoio (secretárias, motoristas, intérpretes, etc.) cada vez menos é lotado no exterior.

Como é a seleção e admissão dos diplomatas?

Os funcionários diplomáticos e consulares são recrutados por meio de concursos diretos ou indiretos organizados pelo governo togolês. Os processos diretos envolvem candidatos de fora do serviço público, com idade igual ou superior a 26 anos e com título de mestrado ou mais. Já os expedientes indiretos dizem respeito a funcionários de todos os outros ministérios ou instituições do Estado que desejam trabalhar na estrutura diplomática e consular.

Há uma academia / curso de formação diplomática? Caso haja, quais são as disciplinas estudadas?

Independentemente da forma de recrutamento, os futuros diplomatas passam por formação em diplomacia na Escola Nacional de Administração

Divulgação

A Escola Nacional de Administração (ENA), com sede em Lomé, forma diplomatas e o(a)s demais funcionários(as) públicos da República Togolesa

(ENA) de Lomé ou em institutos diplomáticos no exterior. Além desse pessoal, e dependendo das necessidades do serviço, executivos de outras instituições públicas ou privadas ou mesmo da diáspora togolesa podem ser colocados à disposição do Ministério das Relações Exteriores para servir, temporária ou permanentemente, em questões específicas ou de ordem geral.

Acrescentaria, no que diz respeito à formação dos diplomatas togoleses, que o modelo francês inspirou o sistema de formação de gestores de toda a administração do Togo. Assim como a França, o nosso país tem uma ENA, que treina funcionários da administração pública. A escola está dividida em setores que incluem Finanças, Administração do Trabalho, Administração Geral e Diplomacia.

No ramo da Diplomacia, é oferecida uma gama bastante variada de disciplinas que vão desde questões específicas como Relações Internacionais, Técnicas de Negociação, Tomada de Decisão, Direito e Práticas Diplomáticas e Consulares, Histórias das Relações Internacionais, Organizações Internacionais Multilaterais e Regionais, Questões Políticas Contemporâneas, Relações Econômicas Internacionais, entre outros temas mais gerais, como Direito Administrativo, Trânsito, Tecnologia da Informação, Inglês, etc. A ENA também organiza seminários sobre temas específicos.

Os candidatos seguem, então, um estágio prático de seis meses no Ministério das Relações Exteriores e, posteriormente, escrevem uma dissertação sobre um tema de interesse para a diplomacia em geral.

Como é o sistema para alocar os diplomatas nos postos? Há treinamento específico para questões como idiomas, desastres naturais, etc.?

O mecanismo de lotação e nomeação de diplomatas baseia-se em

Raylson Ribeiro/MRE

A última visita oficial de autoridade togolesa ao Brasil realizou-se em junho de 2019, quando o chanceler Robert Dussey esteve em Brasília (DF) e no Rio de Janeiro (RJ)

decreto de 1991 que define o estatuto especial dos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros e em decreto ministerial de 2014 que fixa a duração da estada nos postos.

Na prática, a lotação nos postos no exterior depende do número de solicitações (feitas no início de cada ano por funcionários que reúnem as condições para a designação), da disponibilidade de vagas nas embaixadas solicitadas e das dotações orçamentárias. No entanto, a prioridade é dada aos que têm mais antiguidade.

Além disso, dependendo da área onde o funcionário diplomático e consular deseja servir, o treinamento em línguas é oferecido pelo ministério e se concentra em inglês, alemão e mandarim. Vale dizer, a esse respeito, que a escolha relativamente limitada de línguas pode ser explicada pelo mapeamento da nossa rede de embaixadas e pelas ofertas formativas dos países parceiros. Mal podemos esperar por uma oferta para aprender português do Brasil!

Quais são os direitos que os diplomatas têm quando estão servindo no exterior?

Além das *indemnités de résidence* (equivalente à IREX no Brasil), fixadas de acordo com cada classe, os diplomatas togoleses se beneficiam da cobertura total dos custos de moradia e de estudos para seus filhos menores (até 21 anos), exceto universidade; seguro saúde para os(as) diplomatas e seus cônjuges e filhos menores; e aquisição, a cada três anos, de passagens de ida e volta para o diplomata e sua família.

Ainda não existem auxílios adicionais para postos que seriam considerados remotos ou difíceis. Vale lembrar que os direitos do pessoal diplomático nas embaixadas do Togo são questões em evolução, que são objeto de frequentes reflexões para reformas adequadas.

Há especialização de diplomatas em diferentes funções, como, por exemplo, diplomacia consular e comercial, ou a formação é generalista, como a brasileira?

Até o momento, não há especialização de pessoal nas áreas acima. No entanto, há discussões em andamento para garantir especialização e movimentação funcionais. Mas, como no Brasil, a formação permanece generalista.

Quais as condições para as viagens a serviço dos diplomatas? Como funciona o pagamento de diárias?

Tal como acontece com os direitos do pessoal diplomático, as condições de viagem dos diplomatas togoleses são questões em evolução, objeto frequente de reflexão e com potencial de reformas.

As missões são definidas na sede pelo ministro dos Negócios Estrangeiros. Diplomatas em missão se beneficiam de diárias cujo valor depende da área de viagem (CEDEAO, África, Europa / Ásia / América) e da função do oficial (diretor, corpo diplomático, pessoal de apoio, etc.).

No posto, o chefe da missão diplomática ou consular submete à apreciação do ministro de Estado as missões a serem realizadas. As diárias variam de acordo com a função (no que diz respeito ao chefe da missão), a classe e também a área geo-

gráfica onde a missão será realizada (Togo ou país de jurisdição).

Qual é a função do pessoal empregado localmente? Como o número de vagas é calculado para essas funções?

A equipe local é um elo essencial para o cumprimento de nossas missões. Recruta, principalmente, cidadãos do país anfitrião, mas também membros da diáspora togolesa ou africana que lá residam. Ela tem a função de apoio e é composta principalmente por motoristas, secretárias, recepcionistas, operários, vigilantes e tradutores. O seu recrutamento baseia-se nas necessidades das embaixadas e nos orçamentos alocados pelo governo togolês.

Há políticas de gênero para reduzir o desequilíbrio entre homens e mulheres no acesso a promoções? Há políticas de ações afirmativas?

O Togo adotou uma política nacional para a promoção dos direitos das mulheres e a luta contra a discriminação com base no gênero. A esse respeito, uma Unidade de Gênero foi criada no ministério para aconselhar e garantir o cumprimento dessa política.

Tendo em vista as posições das mulheres dentro do ministério, podemos dizer que servimos de modelo para outros órgãos. A propósito, não faz muito tempo que a Diretoria do Gabinete do ministro e a Secretaria Geral do ministério foram ocupadas por mulheres.

Existe algum sindicato ou associação diplomática em seu país?

Desde abril de 2012, os funcionários do ministério formaram um sindicato. Mas hoje em dia, essa entidade perdeu um pouco de seu brilho em benefício de uma associação de funcionários.

Quais são as regras em seu país quanto à aposentadoria de diplomatas?

Os diplomatas togoleses estão sujeitos ao estatuto geral da função pública togolesa no que diz respeito à entrada em serviço e à aposentadoria. A esse respeito, têm direito a fazer valer os seus direitos à aposentadoria aos 60 anos de idade. As mulheres podem, no entanto, solicitar aposentadoria antecipada a partir dos 58 anos de idade, mantendo todos os benefícios associados.

Entrevista concedida à **secretária Clarissa Machado**, atualmente cedida para a Secretaria Especial do Programa de Parcerias de Investimentos.

Divulgação

José Guilherme Merquior (1941/1991): breve história de um apaixonado pela razão

Se fosse possível resumir José Guilherme Merquior em uma palavra, ela seria "precoce". Aos 18 anos de idade, já tinha uma coluna cultural no Jornal do Brasil. Conta-se que seu primeiro artigo foi enviado por correio para o editor do jornal, Reynaldo Jardim, que ficou tão impressionado que resolveu publicá-lo sem nem mesmo conhecer o autor. Após já ter feito algumas publicações, Merquior resolveu entregar pessoalmente seu próximo artigo para o editor. Ao receber o material das mãos de um "menino", Jardim comentou "diga a seu pai para aparecer", pensando se tratar do filho do colunista. "Mas eu sou José Guilherme Merquior", respondeu o jovem, para a incredulidade do editor do Jornal do Brasil.

Os primeiros artigos culturais publicados por Merquior foram reunidos, posteriormente, no livro "Razão do poema" (1965). Aos 23 anos, já concluída sua licenciatura em Filosofia e bacharelado em Direito, Merquior passa em primeiro lugar para o concurso do Instituto Rio Branco. Sua precocidade não se mostrava só em questões intelectuais e profissionais: casou-se com sua primeira namorada, com quem esteve dos 16 anos até sua morte, 33 anos depois.

A primeira fase de Merquior, em que seus estudos e publicações são voltados a aspectos estéticos, com análises políticas quase inexistentes, se estende por cerca de uma década. Suas análises culturais, como a famosa interpretação sobre "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, e seus escritos sobre o Modernismo brasileiro o levaram a ser admirado como crítico cultural. Antônio Candido,

Arquivo pessoal

Acervo Câmara dos Deputados

A influência de Roberto Campos foi decisiva para Merquior se "aventurar" pelas áreas econômicas e de ciências sociais e completar a transição para a condição de defensor do liberalismo e crítico ferrenho do marxismo

professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), afirmou que ele "foi sem dúvida um dos maiores críticos que o Brasil teve". Em seus primeiros escritos, simpatizava com o estruturalismo francês – principalmente com Lévi-Strauss – e com a crítica cultural da Escola de Frankfurt; o exemplo máximo dessa primeira fase de sua obra é o ensaio "Saudades do carnaval – Introdução à crise da cultura" (1972).

Guinada ideológica

A transição de um intelectual da cultura e da literatura, que chegava até mesmo a ter certa simpatia pelo marxismo, para "o mais talentoso porta-voz da direita", segundo declarou Marilena Chaui, professora de filosofia da USP, foi lenta e gradual. Ao contrário de muitos outros liberais, que se aproximaram do liberalismo por meio de estudos sobre Economia ou Ciências Políticas, foi pela área cultural que Merquior começou a se afastar do marxismo.

Sua primeira publicação com conotações políticas foi o livro "Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin" (1969). Pioneiro, o livro foi escrito em uma época em que a escola de Frankfurt era pouco conhecida no Brasil. Nele, Merquior explica o pensamento cultural dos três grandes ícones da esquerda europeia para, depois, criticá-los seguindo uma argumentação heideggeriana. Merquior fazia fortes críticas ao que ele entendia como irracionalismo e subjetivismo da esquerda, que, ao vislumbrar o mundo ideal, se esquecia do real. O diplomata tinha uma posição firme em defesa dos ideais iluministas e da razão.

Foi somente a partir de 1974, quando foi convidado pelo embaixador Roberto Campos para trabalhar em Londres, que Merquior começou a se aventurar mais nas áreas econômicas e de ciências políticas, completando sua transição para um defensor do liberalismo e um crítico ferrenho do marxismo. A influência

> A transição de um intelectual da cultura e da literatura, que chegava até mesmo a ter certa simpatia pelo marxismo, para o 'mais talentoso porta-voz da direita', no dizer da professora Marilena Chauí, foi lenta e gradual. Ao contrário de outros liberais, que se aproximaram do liberalismo por meio de estudos sobre Economia ou Ciências Políticas, Merquior começou a se afastar do marxismo pela área cultural

de Campos, outro grande diplomata e liberal, foi decisiva, assim como a decisão de Merquior de fazer seu segundo doutorado na *London School of Economics and Political Science* (LSE), esse em Ciência Política (ele já tinha um doutorado em Letras pela Sorbonne, com a tese "Verso universo em Drummond", depois transformada em livro). A LSE era muito influenciada pelo pensamento popperiano, com críticas a qualquer ideia coletivista e com defesa das liberdades individuais, o que acabou o influenciando.

Críticas ao neoliberalismo

No início da década de 1980, já de volta ao Brasil e recém-eleito para a Academia Brasileira de Letras, Merquior inicia uma sequência de produções literárias defendendo o liberalismo que continuaria até sua morte, como "A Natureza do processo" (1982), "O argumento liberal" (1983), "O marxismo ocidental" (1987) e "O liberalismo, antigo e moderno" (1991).

No livro "O argumento liberal", Merquior resume o liberalismo como "uma dose inata de desconfiança ante o poder". É preciso entender que, apesar do componente econômico, o liberalismo de Merquior, pela própria trajetória do diplomata, dá uma ênfase muito maior ao aspecto político e cultural, tendo ele restrições aos neoliberais que só se preocupam com a economia — esses são "liberistas", não liberais, pois os verdadeiros liberais precisam se preocupar com a liberdade política e os direitos civis.

No início dos anos 80, Merquior lança as primeiras obras em defesa do liberalismo

Para Merquior, "o neoliberalismo só confia no jogo do mercado. Mas nós sabemos que o mercado, conquanto seja instrumento indubitavelmente necessário para a criação de riqueza e do desenvolvimento econômico intensivo, nem por isso constitui uma condição suficiente da liberdade moderna". Para o autor, não basta a não intervenção do Estado para o afloramento da liberdade.

Arquivo pessoal

Aprovada com louvor na Sorbonne, em 1972, a tese de doutorado de Merquior fez uma análise global da poesia de Carlos Drummond de Andrade e resultou no livro "Verso Universo em Drummond"

Papel do Estado

É por isso que Merquior não se caracteriza apenas como liberal, mas, sim, como um "liberal social", que "não deve querer dizer apenas menos Estado; quer dizer sobretudo mais liberdade. E o Estado contido pode ser um poderoso instrumento para promover liberdade para todos", continua o autor, "Nosso melhor liberalismo não deve ter um permanente pavor do Estado; deve sim — e com crescente vigor — buscar a limitação da ação do Estado a seus objetivos reais".

Por objetivos reais, Merquior defende que o Estado, longe de ser um Estado empresário, deve buscar ater-se aos seus principais objetivos, que incluem tanto a garantia da liberdade quanto as questões sociais. Nesse ponto, Merquior se aproxima muito mais de Amartya Sen do que de Hayek.

Roberto Campos diz que, por exemplo, as linhas de Merquior foram "generosas demais, no tocante a Keynes, e generosas de menos no tocante a Hayek". O seu pensamento era uma espécie de síntese entre o neoliberalismo do Consenso de Washington e a social-democracia europeia. Se tivesse continuado nesse rumo e vivido mais alguns anos, talvez teria o diplomata sido um defensor da chamada "terceira via", que tanto influenciou FHC, Bill Clinton, Tony Blair e Ricardo Lagos.

Fim precoce

Como em quase tudo, também foi precoce em sua morte, no auge da sua produção intelectual, aos 49 anos de idade e logo após publicar "Liberalismo, antigo e moderno", seu *magnus opus*, em que o autor faz um brilhante histórico da evolução do pensamento liberal.

Em Paris, já finda sua breve associação com o governo Collor de Mello, Merquior descobre um câncer no intestino. Ainda em suas últimas aparições públicas, já pálido e enfraquecido, ele continuava, com estoicismo, até seu último suspiro, a debater as questões importantes da política e da cultura brasileira e mundial.

Rafael Galera, Secretário e chefe da Coordenação-Geral de Segurança da Informação. Possui especialização em Inteligência pela ESINT e é mestrando em Engenharia Elétrica pela UNB. Já escreveu vários textos sobre autores liberais. Sua página pessoal (Academia dos cérebros) possui mais de 160 mil seguidores.

60 anos das primeiras Embaixadas do Brasil na África subsaariana

Neste ano, importantes representações do Brasil na África completaram 60 anos de existência. Não se trata de coincidência: em 1961, diversas nações africanas haviam recém-conquistado (ou estavam em vias de conquistar) sua independência, ensejando uma nova concepção sobre como deveria ser a política externa brasileira para o continente africano.

Nos anos finais do governo Juscelino Kubistchek, o Brasil chegou a reconhecer alguns dos novos Estados e a enviar missões especiais para participar em alguns dos festejos comemorativos de independência. Mas foi especialmente a partir do governo Jânio Quadros – quando se formulou a chamada "Política Externa Independente", sob a chancelaria de Afonso Arinos de Melo Franco –, que os esforços para aproximação com os países africanos ganharam maior densidade e estratégia.

Algumas das facetas mais relevantes dessa nova política foram a criação da Divisão da África no Itamaraty; a abertura de Embaixadas e Consulados do Brasil em vários países do continente, sobretudo na África subsaariana; e a valorização, nos discursos oficiais, dos laços histórico-culturais com o continente africano na formação da identidade brasileira.

Como forma de trazer à lembrança esse profícuo momento das relações diplomáticas entre Brasil e países africanos, decidimos resgatar um pouco dessa história nesta edição da **Revista da ADB**, pesquisando sobre os postos criados no continente em 1961 e conversando com diplomatas que chefiam ou já chefiaram algumas dessas representações.

A primeira Embaixada: Acra ou Dacar?

Há certa controvérsia sobre qual teria sido a primeira Embaixada do Brasil aberta na África subsaariana. Não é incomum encontrar obras de referência que indicam a Embaixada do Brasil em Dacar, no Senegal, como pioneira, mas a julgar pelas datas de publicação dos decretos presidenciais que autorizaram a elevação da representação em Acra à categoria de Embaixada (28 de março de 1961) e a criação da Embaixada em Dacar (26 de abril de 1961), caberia à Embaixada em Gana essa qualificação.

"Gana foi o primeiro país na África subsaariana a conquistar sua independência da Grã-Bretanha, ainda no final dos anos de 1950, e em 1960, foram estabelecidas relações diplomáticas com o Brasil. Esses elementos contribuíram para que Acra fosse escolhida para sediar nossa primeira Embaixada na chamada 'África Negra'", afirma a embaixadora Irene Vida Gala, que chefiou o posto entre 2011 e 2017.

Emkamau/Wiki Commons

Mausoléu construído no lugar em que o líder nacional Kwame Nkrumah anunciou a independência de Gana, em março de 1957

Parceiro tradicional

Em seus 60 anos de ininterrupta existência, a Embaixada do Brasil em Acra foi um local privilegiado para assistir à evolução política, econômica e social de Gana e para promover o adensamento das relações bilaterais com o Brasil. O país é um membro ativo das Nações Unidas (ONU) e da União Africana (UA), e abriga as sedes de organizações como o secretariado da recém-lançada Zona de Livre Comércio Continental Africana (ZLCCA) e o Escritório Regional africano da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

"A solidez da democracia de Gana, marcada por transferências pacíficas de poder, e sua força econômica – o país está entre as 10 maiores economias do continente africano e tem previsão de forte crescimento em 2021 –, são algumas das credenciais que explicam o papel destacado do país no contexto regional e continental", destaca Vida Gala.

Do ponto de vista das relações bilaterais, Gana é também um dos parceiros mais tradicionais do Brasil no continente africano. "Historicamente, Gana e Brasil coincidiram em diversos pontos da agenda internacional, como a condenação ao regime de *apartheid*, a defesa da autodeterminação dos povos e a criação, na década de 1980, de uma Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (Zopacas), nossa fronteira comum. Mais recentemente, tivemos apoio ganês nas candidaturas de brasileiros para organizações como FAO e OMC, abrimos um escritório regional da Embrapa em Acra e contamos com apoio ganense à proposta do G4 para a reforma do Conselho de Segurança da ONU", relembra a embaixadora.

Divulgação / Embaixada da França

O piloto francês Jean Mermoz realizou o primeiro voo comercial entre Saint Louis, no Senegal, e Natal, no Brasil

Desde 2020, a Embaixada em Acra teve suas atribuições ampliadas, cabendo-lhe exercer as cumulatividades das Embaixadas em Freetown (Serra Leoa) e Monrróvia (Libéria). Em julho daquele ano, o posto exerceu papel de destaque na megaoperação realizada no contexto da pandemia da Covid-19 para repatriar brasileiros na África Ocidental: Acra concentrou os nacionais que se encontravam em Burkina Faso, Côte d'Ivoire, Gâmbia, Guiné-Bissau, Nigéria e Senegal.

Um Consulado desde o século XIX

Se, por um lado, os dados oficiais indicam que o Senegal não foi o primeiro país a abrigar uma Embaixada do Brasil na África Subsaariana, por outro, é fato que o país foi um dos primeiros a sediar representação brasileira no continente: desde o século XIX, havia um Consulado do Brasil em Dacar, transformado em Consulado de carreira em 1911. Historicamente, outros também fatores contribuíram para que o país da *teranga* logo ocupasse um lugar especial no imaginário nacional.

"Muito antes da abertura da Embaixada em Dacar, o Senegal já estava singularizado no conhecimento dos brasileiros sobre a África: na década de 1930, o piloto francês Jean Mermoz realizou o primeiro voo comercial entre Saint Louis, no noroeste senegalês, e Natal, no Rio Grande do Norte, o que chamou a atenção para a proximidade física entre

os dois países", explica a embaixadora Maria Elisa Teófilo de Luna, que chefiou o posto entre 2010 e 2015.

A percepção, já na década de 1960, de que havia uma vantagem "geográfica" para potencial incremento das trocas bilaterais teria contribuído para a decisão pela abertura do posto em Dacar. "Vivíamos, no plano econômico, uma estratégia de substituição de importações, que exigia a busca de novos mercados. A proximidade se afigurava um diferencial de ordem prática", afirma a embaixadora. De fato, ao longo dos anos, o Senegal figurou entre os 10 maiores destinos das exportações do Brasil para a África, malgrado as dimensões da economia senegalesa e a inexistência de acordos bilaterais de comércio.

Léopold Senghor

Para além da proximidade física e do potencial na área comercial, o Senegal ocupava também uma dimensão simbólica diferenciada no contexto político nacional. "Havia forte discurso identitário entre os dois países, que compartilhavam raízes étnicas, um passado colonial e grandes aspirações de desenvolvimento, o que contribuía para justificar a importância atribuída à parceria bilateral.

A visita do presidente senegalês Léopold Senghor ao Brasil, já no período do regime militar, deixaria profundas impressões na intelectualidade brasileira, sobretudo naqueles pensadores ligados à esquerda e ao movimento negro, como Abdias Nascimento", afirma Teófilo de Luna.

Arquivo Nacional

O presidente senegalês Léopold Senghor visitou o Brasil na década de 60, durante o regime militar

Para a embaixadora, esse sentimento de identidade explicaria, em parte, a relativa manutenção do lugar do Senegal na política externa brasileira – o país fez parte do périplo africano do chanceler Mario Gibson Barbosa na década de 1970, recebeu visita de Estado do presidente Lula em 2005 e, nos últimos anos, foi destino de visitas oficiais dos ministros Celso Amorim, Antonio de Aguiar Patriota, Mauro Vieira e Ernesto Araújo. Todos esses eventos contaram com o decisivo apoio do posto aberto há 60 anos.

"As relações do Brasil com a África são marcadas por um paradigma de aproximação e afastamento e com o Senegal não foi diferente, mas creio que essa identidade, essa simpatia no seio da intelectualidade e da classe artística brasileira, somada aos fluxos de comércio, concorreu para que esse paradigma não fosse tão forte no caso senegalês quanto terá sido com outros países", avalia a embaixadora.

Verde, amarelo e vermelho

Ainda em 1961, decreto publicado em 24 de julho elevou à categoria de Embaixada a representação do Brasil junto ao governo etíope. "Inicialmente, nossa representação junto ao governo do Império da Etiópia era uma legação criada em 1951, com sede no Cairo, Egito. Em 1956, nossa Embaixada no Líbano assumiu a cumulatividade, até abertura da Embaixada em Adis Abeba na década de 1960", explica

o embaixador Luiz Eduardo de Aguiar Villarinho Pedroso, que chefia o posto desde janeiro de 2019.

Em 1960, o Imperador Haile Selassie, membro da dinastia salomônica e líder máximo da Etiópia entre 1930-1974, realizou visita oficial ao Brasil, atendendo a convite de Juscelino Kubistchek. "Creio que, já naquele momento, ficou acertada a abertura da Embaixada em Adis Abeba.

A Etiópia ocupava um lugar simbólico muito especial pelo fato de nunca ter sido colonizada, constituindo uma referência para as aspirações por liberdade no continente africano", explica Villarinho. "Não é por acaso que mais de um terço das bandeiras africanas trazem as cores verde, amarela e vermelha em homenagem à bandeira etíope", observa.

Um dos Estados mais antigos do mundo, citado na Ilíada e na Odisseia, a Etiópia é também um lugar historicamente relevante para algumas das grandes religiões mundiais. "O país foi um dos primeiros territórios em que o cristianismo se expandiu, antes mesmo da Europa, o que lhe teria angariado certa proteção do Vaticano no período de ápice do colonialismo e da escravidão negra", afirma Villarinho. "Ao mesmo tempo, também tem papel destacado para o islamismo, abrigando, atualmente, a quarta cidade mais importante para os muçulmanos – Harar, a 500 km da capital", acrescenta.

Recriação

A relevância histórica e simbólica da Etiópia, somada à liderança e influência exercidas não apenas na África do Norte e Oriental, mas também no contexto continental, levou à escolha de Adis Abeba para sediar a Organização da Unidade Africana, origem da atual União Africana. Esses fatores pesaram na decisão brasileira de criar a Embaixada na capital etíope. Diferentemente das Embaixadas em Acra e Dacar, porém, o posto voltaria a ter caráter cumulativo em 1970, com a publicação de decreto que atribuiu novamente à Embaixada em Beirute a responsabilidade por acompanhar e promover as relações Brasil-Etiópia.

Em 2004, a Embaixada em Adis Abeba foi recriada, iniciando suas atividades em fevereiro do ano seguinte. Desde então, o posto tem-se dedicado a resgatar e promover as relações bilaterais, que têm grande potencial na área econômica. Segundo dados do FMI, de 2004 até 2019, o crescimento médio anual da economia etíope foi de 10,3%, bem acima da média mundial. Mesmo em 2020, quando a pandemia ceifou vidas, desorganizou mercados e fechou postos de trabalho, o país manteve taxa de crescimento positiva (1,9%).

"A Etiópia abriga quase 115 milhões de habitantes – a segunda maior população do continente africano,

Pixabay

As cores da bandeira etíope inspiraram mais de um terço das bandeiras africanas

menor apenas que a da Nigéria –, e cerca de 80% deles ainda vivem na zona rural. Eventual processo de urbanização pode abrir grandes oportunidades comerciais e de investimento para o Brasil no país. Vale lembrar que o atual primeiro-ministro, Abiy Ahmed, que assumiu o cargo em abril de 2018, está com uma agenda de reformas pró-abertura econômica, o que pode favorecer ainda mais os investimentos", salienta Villarinho.

Sede da União Africana

Ademais do desempenho econômico, a Etiópia goza de localização es-

tratégica entre Ásia e Europa, abriga a sede da União Africana e da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (UNECA) e, graças ao desenvolvimento de uma bem-sucedida companhia aérea, a *Ethiopian Airlines* (apontada pela consultoria britânica *Skytrax* como a melhor do continente), é também um *hub* na África.

"Durante a pandemia, cerca de 10% dos milhares de brasileiros repatriados de países africanos passaram pelo aeroporto de Adis Abeba, o único da região que se manteve aberto e operante initerruptamente. O desafio foi grande: nesse momento somos quatro servidores e quatro contratados locais no posto, trabalhando com restrições devido à crise de saúde. Apesar disso, conseguimos encaminhar todos os pedidos em prazo adequado, sem reclamações", relembra o embaixador.

De Lagos a Abuja

Finalmente, em 16 de agosto de 1961, foi publicado o decreto de criação de Embaixada brasileira na Nigéria, "com sede na capital daquele país". Assim, seria inaugurada naquele ano a Embaixada do Brasil em Lagos, primeira capital nigeriana.

"A Nigéria tornou-se independente em 1960, e o Brasil foi o único país latino-americano convidado para a cerimônia de proclamação da independência. Nossas relações humanas, culturais e históricas datam do século XVII, por conta do tráfico de escravos. A etnia iorubá, em particular, marcou fortemente a cultura brasileira, nossa culinária, nossas práticas religiosas ... Além destas influências, a maior comunidade iorubá fora da África Ocidental está no Brasil, na Bahia", explica o embaixador Ricardo Guerra de Araújo, que desde junho de 2018 chefia a Embaixada do Brasil no país.

> A Nigéria se tornou independente em 1960, e o Brasil foi o único país latino-americano convidado para a cerimônia de proclamação da independência

Em 1991, a Nigéria mudou sua capital para Abuja, no interior de seu território. A Embaixada do Brasil na nova capital iniciaria suas atividades em 2005, quando também seria criado um Consulado-Geral em Lagos. "A transferência de capital buscava um maior equilíbrio regional e étnico-religioso: Abuja era uma localidade relativamente neutra em relação às principais etnias do país – além dos iourubás, há os hauçás e os igbo, além de centenas de outros grupos menores. O norte é majoritariamente mulçumano, enquanto ao sul predomina a fé cristã", explica Araújo.

A arquitetura da nova capital nigeriana teria sido influenciada por Brasília. "Consta que uma missão de arquitetos nigerianos teria visitado nossa capital e se inspirado nos planos arquitetônicos de Oscar Niemeyer, o que talvez explique por que Abuja remete à Brasília: é uma cidade muito verde, extremamente organizada, com grandes vias e muitos espaços abertos. O clima também é parecido, há uma estação seca e outra chuvosa – embora aqui, devido ao harmatã, o período da seca seja mais rigoroso", diz o embaixador, referindo-se aos ventos secos de areia do Saara que avançam sobre a África Ocidental de dezembro a março.

País de contratastes

A mudança de instalações não causou qualquer descontinuidade nas relações bilaterais, que vêm sendo pautadas pela cooperação e que, desde 2013, contam com Mecanismo de Diálogo Estratégico em nível de Vice-presidência, que deve se reunir novamente em 2022, em Abuja.

País com população similar à do Brasil – são 212 milhões de habitantes –, a Nigéria detém o maior PIB entre as economias africanas, mas está entre os países de menor desenvolvimento humano do continente. "É uma nação de grandes contrastes: algumas das personalidades mais ricas da África vivem na Nigéria. Ao mesmo tempo, 83 milhões de nigerianos vivem abaixo da linha pobreza", afirma Araújo.

Fawaz.tairou/Wiki Commons

A infraestrutura urbana e a arquitetura da capital Abuja receberam influência dos planos arquitetônicos de Oscar Niemeyer para a capital do Brasil

O embaixador destaca algumas iniciativas que vêm sendo conduzidas pelo governo brasileiro em apoio ao desenvolvimento nigeriano. "Por meio do projeto *Green Imperative*, vamos contribuir para mecanizar e modernizar a produção agrícola nigeriana, favorecendo a diversificação da economia. Além da exportação de máquinas e equipamentos, também realizamos programas de capacitação, visando transferir conhecimentos e tecnologias para manutenção desse maquinário", salienta.

A diversificação é chave para reduzir a dependência das exportações de petróleo e gás, que torna a economia nigeriana bastante vulnerável às oscilações de preço do produto. "Já nos anos 1960, grandes jazidas haviam sido descobertas no sul do país. Para o Brasil, é extremamente rentável importar petróleo nigeriano, os custos de frete são bem menores em relação ao Oriente Médio. Nossas importações chegaram a U$ 9,5 bilhões antes da queda do preço do barril e da crise econômica em nosso país. Até então, a Nigéria seguia como nosso principal parceiro comercial no continente", afirma o embaixador.

Por diversas razões, não se pode pensar uma política externa africana sem pensar na Nigéria. "Para além dos fluxos de comércio e dos laços históricos, há muito potencial em campos como segurança e investimentos, como demonstra a recente aquisição de aviões da Embraer pela *Air Peace* nigeriana. Além disso, o país exerce grande influência nas principais instancias decisórias do continente, é uma potência demográfica – um em cada seis africanos é nigeriano – e detém imenso *softpower*, com destaque para sua riquíssima literatura e vibrante indústria cinematográfica, batizada de *Nollywood*", concluiu o embaixador.

Parceiros na luta antirracismo

A influência das ideias gestadas durante a gestão Afonso Arinos foi tamanha que, até hoje, o discurso político-diplomático reconhece que *as culturas africanas tiveram papel constitutivo na formação da identidade brasileira* e reafirma a ideia de que *o povo brasileiro identifica-se profundamente com a África*. Elas contribuíram, em grande medida, para lapidar o discurso da democracia racial no Brasil, que foi instrumentalizado, à época, para fortalecer os laços com as jovens nações africanas.

A persistência do racismo no Brasil, contudo, induz à reflexão de que, no século XXI, é necessária uma revisão desse discurso. E assim, além das oportunidades em campos como comércio, investimentos, segurança e cultura, a África negra oferece também grande potencial para contribuir no combate à mais perversa chaga deixada pela escravidão no Brasil.

"Ao longo dos anos em que servi na África, aprendi a abraçar a luta antirracista e despertei para a imperiosa necessidade de defender políticas em prol da promoção da igualdade racial no Brasil. Acredito que a África é um importante e necessário parceiro nesse processo: a sólida vinculação da luta contra o racismo no plano interno a um projeto externo de relações prioritárias com a África pode fortalecer enormemente a legitimidade de políticas antirracismo, fazendo da própria política externa para a África um instrumento de ação afirmativa", conclui a embaixadora Irene Vida Gala, autora de tese de Curso de Altos Estudos (CAE) sobre esse tema.

LINHA DO TEMPO 1961

Nesta linha do tempo, a **Revista da ADB** aponta alguns dos principais marcos da política externa para a África no ano de 1961, como a abertura da primeira Embaixada na África subsaariana e a criação da Divisão de África no Itamaraty

4 DE ABRIL

O chanceler Afonso Arinos visitou o Senegal por ocasião das comemorações da independência do país, sendo recebido pelo presidente Léopold Senghor. Tratou-se da primeira visita oficial de um chanceler brasileiro a um país africano.

31 DE JANEIRO

Jânio Quadros tomou posse. No contexto da chamada "Política Externa Independente (PEI)", formulada sob a chancelaria de Afonso Arinos de Melo Franco, o Brasil promoveu a abertura para a África e o afastamento do colonialismo salazarista de Portugal na ONU.

Em março, o Itamaraty criou grupo de trabalho para estudar a abertura de missões diplomáticas na África e propor medidas para estreitar as relações econômicas, comerciais e culturais com esse continente.

JANEIRO | **FEVEREIRO** | **MARÇO** | **ABRIL**

28 DE JANEIRO

Ainda na gestão Kubistchek, decretos publicados em 28 de janeiro criaram um Consulado-Geral em Lourenço Marques (Moçambique) e um Consulado em Luanda (Angola), territórios que, à época, ainda eram províncias de Portugal.

28 DE MARÇO

A Legação em Acra, Gana, foi elevada à condição de Embaixada (decreto 50.383/1961). A abertura da série telegráfica havia sido realizada em 2 de janeiro daquele ano. Em setembro, o escritor e jornalista Raymundo de Souza Dantas seria nomeado embaixador.

26 DE ABRIL

Foi publicado o decreto 50.503/1961, que criou a Embaixada do Brasil em Dacar, no Senegal. Desde o século XIX, a cidade abrigava um Consulado honorário do Brasil, que foi transformado em Consulado de carreira em 1911.

24 DE JULHO

A representação diplomática do Brasil em Adis Abeba (Etiópia) foi elevada à categoria de Embaixada por meio do decreto 51.012/1961

17 DE MAIO

Por meio de decretos, foram criadas Embaixadas em Porto Novo (Benin), Niamei (Níger) e Nouakchott (Mauritânia). Elas não foram, contudo, instaladas; ficaram cumulativas com Dacar.

16 DE AGOSTO

Na mesma data da criação da Embaixada em Lagos, foram publicados decretos para criação de Consulados de carreira em Nairóbi, Quênia, e em Salisbury, Rodésia do Sul (atual Zimbábue).

MAIO | JUNHO | JULHO | AGOSTO | SETEMBRO

24 DE JUNHO

Diversos decretos publicados criaram Consulados honorários do Brasil em Bissau ("Guiné Portuguesa", atual Guiné-Bissau), Beira e Quelimane ("Província de Moçambique"), Lobito, Mossamedes e Nova Lisboa ("Província de Angola"). Como se sabe, apenas na década de 1970 esses territórios tornar-se-iam países independentes.

21 DE SETEMBRO

Já na gestão de Francisco Clementino de San Tiago Dantas, foi publicado o Regulamento Orgânico do Ministério das Relações Exteriores, que criou a Divisão da África no Itamaraty.

16 DE AGOSTO

Decreto 51.198/1961 criou a Embaixada em Lagos, Nigéria. Com a mudança da capital nigeriana para Abuja, o posto foi extinto e deu lugar a um Escritório de Representação temporário na nova sede do país. Finalmente, em agosto de 2004, foi criada a Embaixada em Abuja e o Escritório foi extinto.

Secretária Clarissa Alves Machado, Assessora Internacional na Secretaria Especial do Programa de Parcerias de Investimentos (SEPPI)

Vera Pedrosa: uma homenagem

Arquivo pessoal

Ao longo do ano passado, um projeto tomou forma no âmbito da ADB: documentar e compartilhar, com a criação de um podcast, as memórias de grandes embaixadores que escreveram a história recente do Itamaraty. O podcast divulgará, em formato de entrevista, a trajetória de colegas aposentados(as) cujas destacadas carreiras inspiram gerações mais recentes de diplomatas.

Nesse contexto, tive a sorte de ver-me incumbida da tarefa de preparar a entrevista da embaixadora Vera Pedrosa, nome que muito me honrou, já que para mim evocava referência na agenda ambiental e, principalmente, fonte de inspiração para mulheres diplomatas. Nas pesquisas sobre sua biografia, conheci outras facetas de sua história: jornalista, poeta, crítica de arte. A diplomacia era apenas um dos talentos de Vera.

Foi no Rio de Janeiro, em 1936, que nasceu Vera Pedrosa, filha de Mary Houston Pedrosa e Mário Pedrosa. Eram anos turbulentos. A militância política de seu pai, o reputado escritor e crítico de arte Mario Pedrosa, obrigou a família a viver períodos na clandestinidade. Logo cedo, a menina deixou o Brasil para viver com os pais nos Estados Unidos, onde cresceu próxima da classe artística. Nascia, assim, seu amor pelas artes do qual decorreria, mais tarde, sua vocação para a poesia.

Formada em Filosofia pela então Universidade Federal do Brasil, Vera Pedrosa exerceu inicialmente, a exemplo do pai, a profissão de jornalista, trabalhando no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*. Casou-se cedo com o sociólogo Luciano Martins de Almeida, com quem teve três filhos. Foi somente após a separação que passou a considerar a carreira diplomática. Afirmaria mais tarde, em diversas ocasiões, que, embora sempre tivesse se interessado pela carreira, "a vida diplomática não lhe parecia compatível com a vida de casada".

Ingresso no Itamaraty

E então aos trinta anos, sob o incentivo de amigos, que nela reconheceram o talento inato para a diplomacia, inscreveu-se para o exame do Instituto Rio Branco. A despeito do curto período de preparação, foi aprovada. A rotina de cuidados e responsabilidades sobre três filhos pequenos não a impediu de terminar o curso de formação entre os primeiros colocados.

Em uma época na qual a presença feminina ainda era recebida na Casa com ostensivo desconforto, o qual se tentava atenuar relegando às mulheres diplomatas posições administrativas ou de pouca visibilidade, Vera Pedrosa demonstrou, desde o início, determinação em abrir portas fechadas. Poucos meses após tomar posse, foi lotada na Secretaria-Geral de Política Exterior, chefiada então pelo embaixador Mozart Gurgel Valente. Está registrado em seu maço pessoal o elogio que fez questão de registrar seu primeiro chefe, ao deixar o cargo de Secretário-Geral:

"Pela sua cultura e bom gosto, pela sua eficiência e amor ao trabalho, soube distinguir-se. Pela sua simpatia pessoal e boa vontade, conquistou a estima e o respeito de quantos tiveram a sua ajuda. Estou seguro de que a secretária Vera Pedrosa manterá e reforçará, no curso de sua carreira, o conceito elevado que já vai adquirindo na Casa".

Mozart Gurgel Valente não se enganou. A funcionária continuou a sobressair-se e a conquistar espaços por onde passou. Como secretária e conselheira, serviu nas Embaixadas do Brasil em Madri, Lima e Paris. De volta ao Brasil, foi lotada na antiga Divisão de Transportes, onde trabalhou por alguns meses até ser transferida para a Divisão de Nações Unidas (DNU) – unidade considerada de prestígio, na qual a presença feminina era rara. No multilateral, Vera Pedrosa engajou-se na área de meio ambiente, na qual se especializaria ao longo de sua trajetória. Anos mais tarde, quando foi convidada a assumir a chefia da DNU, seu nome já era referência em negociações ambientais.

Pioneirismo

Vera Pedrosa seguiu abrindo portas. Ela, que ingressou na carreira em tempo no qual os títulos diplomáticos não admitiam flexão de gênero (prática que perduraria até a década de 1980, quando finalmente surgiram *secretárias, conselheiras, ministras e embaixadoras*), foi "a primeira mulher a" diversas vezes: primeira mulher a chefiar a Assessoria Diplomática da Presidência (na gestão de Itamar Franco); primeira embaixadora na Haia; primeira embaixadora em Copenhague; primeira embaixadora em Paris; e primeira mulher a ocupar o cargo de Subsecretária-Geral de Assuntos Políticos. Era minha intenção indagá-la sobre como manejou para ocupar esses espaços, como logrou mover-se com habilidade nesse universo construído por e para homens.

Talvez fosse ela inspirada e encorajada pela poesia. Pois, sabemos, nem só de diplomacia vivia Vera Pedrosa. Ao longo da carreira, publicou quatro obras: *Poemas* (1964); *Perspectiva naturalis* (1978); *De onde voltamos o rio desce* (1979); e *A árvore aquela* (2015). Além delas, integrou a antologia *26 poetas hoje* (1976), que reuniu poetas da "geração mimeógrafo", à margem das grandes editoras. A árvore aquela, publicada pela editora Cosac Naify, é considerada pela crítica literária sua obra mais importante. Para a preparação da entrevista, adquiri o livro, cujo título aparece nos seguintes versos:

reflexo da árvore aquela
que une os mundos
e cujas raízes com as da outra
no espelho da água
se agarram e se entrelaçam.

Nesses mundos que se encontram entrelaçando raízes, vislumbrei a influência da vida diplomática, da bagagem que levamos para onde vamos – sempre transformada e ampliada pelas experiências de cada posto. Essa influência é ainda mais nítida em outros trechos da obra, que parecem evocar os sentimentos que permeiam o espírito de quem tem por missão servir ao país no exterior, como no poema intitulado Mudança de endereço:

andava havia luas com a carta
hesitava em destiná-la
aborrecia pensar nas demoras
inquietava pensar que mudando de cidade
os rumos são outros
vê-se no céu o crescente ao contrário
a incidência é outra do sol ao despertar
desorientação
assim como a planta deslocada
de uma para outra janela longe
se inclina a buscar a nova luz
o que estava ao norte
deslocou-se para o sul

Despedida

Heloísa Buarque de Hollanda, organizadora da antologia da geração mimeógrafo, lamentou que Vera tenha partido sem o devido reconhecimento de sua obra literária, ainda hoje restrita a círculos especializados. Felizmente, no meio diplomático, não lhe faltou reconhecimento. Foram inúmeras as manifestações de apreço e admiração entre os que com ela conviveram. Na própria lista de e-mails da ADB, multiplicaram-se lembranças que reconheciam sua dedicação e competência, seu senso de dignidade e seu sorriso delicado e firme – homenagens que remetiam à impressão inicial que a jovem Vera Pedrosa já deixara sobre Mozart Gurgel Valente no final da década de 1960.

Sem ter tido o privilégio de conhecê-la, tampouco de entrevistá-la, recorro novamente à sua obra para despedir-me:

enquanto o tempo
insaciável
predador
dispara
(...)
só que
não tinhas que partir tão cedo.

Daniele Farias Luz, Primeira Secretária, atualmente lotada na DNU III - Divisão de Nações Unidas III.

Esporte, poder e relações internacionais

Grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos, tanto podem significar a superação de limites atléticos e técnicos, recordes esportivos e a comunhão da humanidade, como representar a afirmação do poder do Estado, a competição entre nações, raças e ideologias. A confluência e o conflito de interesses no terreno dos jogos incluem também a mercantilização do esporte, seu aspecto condicionante mais recente e, talvez, mais intrusivo.

Por estudo demonstrativo da *Georgia Technology University*, números da década de 2000 indicavam que o esporte movimentava nos Estados Unidos US$ 52,1 bilhões em geração direta de salários e mais de 2,3 milhões de empregos. A indústria esportiva total, estimada em US$ 152 bilhões, ficaria em décimo-primeiro lugar no ranking nacional, comparativamente, por exemplo, ao setor imobiliário (1º lugar, US$ 850 bilhões) e comércio varejista (2º lugar, US$ 639,9 bilhões). A participação no PIB norte-americano seria de 1,5%, quase igual ao percentual de 1,4% da indústria esportiva na União Europeia.

Objetivamente, bastaria a referência a duas propriedades para fazer ressaltar o esporte como tópico relevante da agenda internacional:

• o setor industrial esportivo é um dos mais importantes da economia mundial transnacional e movimenta, somente nos Estados Unidos, um Produto Nacional Bruto anual médio superior a US$ 150 bilhões; e

• a visibilidade e a repercussão internacionais dos grandes eventos esportivos (plateia televisiva acumulada de 31 bilhões de pessoas na Copa do Mundo nos EUA em 1994; de cerca de 4,8 bilhões nas Olimpíadas de Sydney, em 2000; de quase 40 bilhões na Copa do Mundo da Coreia / Japão, em 2002; e de público estimado em 50 bilhões na Copa do Mundo da África do Sul, em 2010, por exemplo) mobilizam corações, mentes e "holofotes", traduzindo portanto cenário de mídia contundente procurado pelos países para o lançamento de imagens, projeção de valores e prevalência de interesses.

Imagem de uma nação

As potências econômicas que também são as forças mais expressivas do cenário esportivo mundial perfilam as questões esportivas entre os pilares de sustentação de imagem externa. No entrelaçado quadro social o esporte serve para compor as imagens e idiossincrasias das nações, em harmonia com educação, cultura, segurança alimentar, saúde, emprego, renda, produção industrial, transações econômicas internacionais, intercâmbio científico e tecnológico. Vale destacar, inclusive, que alguns desses elementos são, por sinal, ingredientes societários do Índice de Desenvolvimento Humano.

Importa nesse contexto traduzir o apelo carismático e gratuito do Brasil, associado notavelmente a seu retrospecto esportivo, sobretudo, na utilidade prática, pragmática, para magnificar dimensão internacional projetada, positivar imagem e multiplicar benefícios derivados de uma melhor promoção institucional do país no exterior.

Considerando os resultados financeiros e promocionais contabilizados por uma Copa do Mundo ou Olimpíada

DOD via pingnews/Wiki Cmmons

A exemplo das Olimpíadas de Sidney, em 2000, os eventos desportivos geram visibilidade, repercussão internacional e mobilizam plateias televisivas de bilhões de pessoas

e o vultoso investimento empresarial no setor esportivo, atualmente a densidade das condições e relações sociais e até as projeções mercadológicas associadas estão refletidos no *status* usufruído pelo esporte em muitos países, independentemente de regimes políticos, sistemas econômicos ou estágios de desenvolvimento. Isso decorre das escalas internacionalizadas, da diversidade e do alcance tentacular dos recursos de natureza esportiva referidos à estruturação social e à divulgação institucional das nações. Na África, por exemplo, os ministérios de Esporte e da Juventude denotam a hierarquia governamental do tema.

Public Domain/Wiki Commons

Ao longo de sua trajetória, Pelé já foi designado embaixador da Paz e da Boa Vontade pela ONU para promover ações de pacificação mundial e campanhas de resgate social e de ajuda humanitária

Agenda social

Mundialmente, certos aspectos atrelados à representação esportiva internacional e ao prolongamento da imagem externa projetada resvalam para alçadas de ministérios de Negócios Estrangeiros. No caso do Brasil, devem, pois, incluir o Itamaraty.

Em sua política de relações públicas internacionais, a Organização das Nações Unidas (ONU) designa embaixadores da Paz e da Boa Vontade, comumente esportistas renomados como os futebolistas Pelé, Ronaldo e Kaká. Para o Brasil e sua diplomacia, maior protagonismo pode resultar de envolvimento ativo nessas ações de pacificação mundial e resgate social da organização ancoradas no esporte e que demandam um papel ampliado da ONU na solvência de outros ingredientes e aspectos de pax, como desenvolvimento sustentável, liberdades individuais, ajuda humanitária e níveis de pobreza.

Essa "Agenda Social" onusiana, de aplicabilidade muito ressaltada na África, abre possibilidades de ativar e valorizar, externamente, um instrumental próprio identificado com o Brasil e que significa eficácia interna de políticas sociais participativas.

Versões assemelhadas de programas como Comunidade Solidária, Bolsa Escola, Amigos no Esporte, Esporte na Escola e Segundo Tempo, replicáveis sobretudo na África e América Latina, representam funcionalidade prática de soluções, desenham imagem positiva e podem servir para conferir ao Brasil protagonismo internacional, profícuo em várias áreas. Aí reside ilustração concreta e inspiradora da receita definida pelo ex-chanceler Celso Lafer de que a política externa deve "traduzir necessidades internas em possibilidades externas". São correntes ações governamentais lúcidas de aproveitamento positivo.

Experiência no Haiti

Exemplo ilustrativo desse uso promocional positivo foi a realização de amistoso da seleção brasileira no Haiti, em 2004, como gesto humanitário e contribuição para o processo de paz. Na visão dos segmentos do governo brasileiro mais envolvidos, inclusive o militar, o Brasil, que já liderava a Missão de Paz no Haiti, muito pôde usufruir do reconhecido prestígio mundial do futebol pentacampeão e de sua força como ferramenta diplomática para os esforços de pacificação e o protagonismo do país no plano internacional.

Notícias concernentes ao jogo de futebol deram também ensejo a alusões positivas ao Brasil. Destacou-se a dimensão simbólica da iniciativa e trecho particularmente expressivo do *New York Times* sintetizava que "uma administração norte-americana após a outra tentou, sem sucesso, manter a ordem e a democracia no Haiti. Agora, com o entusiástico apoio de Washington, o

Marcello Casal Jr / Agência Brasil

O futebol desempenhou importante papel nas relações entre o Brasil e vários países da África, sobretudo após o ocaso do colonialismo português

Brasil entrou em cena como o líder de uma Missão das Nações Unidas e está utilizando uma diplomacia não convencional para complementar a demonstração de força militar típica".

Publicidade institucional

Igualmente favorável e factível pode ser o somatório de instrumentos e iniciativas disponíveis, como cooperação técnica setorial, para o emprego rotineiro e produtivo do esporte brasileiro. Tal exercício, aprimorado e ajustado para a expansão de bens e serviços, pode repercutir na própria publicidade institucional do Brasil no plano internacional, até com o derivado incentivo à captação de fluxos turísticos e o desenlace produtivo de transações comerciais.

No segmento empresarial, aliás, essa percepção é mais precoce, mesmo no Brasil. A Petrobras patrocinava, nos anos setenta, excursões de times de futebol brasileiros a países africanos que abriam processos licitatórios para a exploração de petróleo e onde a empresa brasileira conseguia recolher reconhecimento e eventuais preferências.

A estatal repetia, desde o ano 2000, a estratégia de associar sua imagem no plano internacional a eventos e personalidades esportivas de projeção. À época, a presidência da Petrobras contratou o ex-ministro Extraordinário dos Esportes, Pelé, como embaixador das campanhas promocionais no exterior, tendo o ex-atleta participado na campanha do prêmio conquistado pela companhia de exploração de petróleo em águas profundas concedido pela *Offshore Technology Conference* (OTC).

Credenciais internacionais

Pelos registros da literatura, parece que as qualidades de José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira, também permitiram incursões premonitórias ao mundo esportivo. Rio Branco pressentiu a utilidade e a adequação, no meio psicossocial do Brasil, da prática de esportes, principalmente coletivos, para a redução dos antagonismos étnicos, o congraçamento social de classes, o diálogo intercultural e a virtual imanização do interesse popular.

Precisamente esse magnetismo popular e massificado do futebol respondeu pelo crescente interesse das emissoras de rádio e televisão nas competições esportivas, para propaganda e robusta recompensa comercial.

Também a comunicação social e a promoção institucional registram retorno qualitativo. A Copa do Mundo de Futebol no México, em 1970, valeu para o Brasil, e para a apropriação – é forçoso admitir, no caso específico e no contexto político da época – pelo governo, como uma convocação nacional de cunho ecumênico e de caráter espontâneo. Abstraída a mencionada imissão estatal, fato é que o Brasil tornou-se melhor credenciado no cenário internacional depois da conquista do tricampeonato mundial de futebol naquela competição, pela primeira vez televisionada ao vivo para muitos países.

Verde-amarelo: símbolo de paz

No Brasil, a realidade é visível tanto através da integração nacional dos desportos, quanto da permuta internacional de sua cultura. O intercâmbio estimulado pelos desportos pôde ser evidenciado pelo papel do futebol brasileiro nas relações entre o Brasil e vários países da África, principalmente nas fases de aproximação política das décadas de sessenta e setenta, no ocaso do colonialismo português.

Quando da visita do chanceler Mário Gibson Barbosa ao continente africano,

em 1972, o futebol brasileiro e o nome do jogador Pelé popularizaram o Brasil como símbolos da grandeza do país, acervo e apanágio logo depois empregados produtivamente por empresas brasileiras para internacionalizar propaganda e atividades comerciais.

Se de simbologia se trata, maior marcação de presença e mais maciça afirmação de valores nacionais são detectadas no desfile das bandeiras brasileiras, sempre presentes em eventos esportivos ao redor do mundo. Que outro tipo de acontecimento pode proporcionar semelhante publicidade positiva e tamanha visibilidade universal?

De igual modo, uniformes de times brasileiros circulavam com tanta desenvoltura e trânsito, por exemplo, em Kosovo e no Sul do Líbano, que, no dizer de um oficial do Ministério da Defesa, nesses pontos de conflagração, as camisas amarelas da seleção pareciam equivaler às bandeiras brancas de paz. Por isso, a praxe, pragmática, de as Forças Armadas brasileiras em missões de paz das Nações Unidas, em Timor Leste e no Haiti, por exemplo, procurarem recolher simpatia e receptividade das populações locais, ingredientes psicológicos importantes nessas operações, mediante a distribuição dos símbolos esportivos nacionais.

Contextos acolhedores assemelhados à interrupção de uma guerra na África na década de 60 pelo Santos Futebol Clube de Pelé. Feitos e efeitos igualados pela presença festiva do esportista brasileiro em evento no Líbano, em 1975, que reuniu judeus, cristãos e muçulmanos e previsivelmente adiou o início da guerra para abril daquele ano. Na oportunidade, discípulos de Moisés, Jesus e Maomé suspenderam confrontos e Pelé foi saudado como "Profeta da paz", durante partida de exibição pelo time libanês do Estrela Vermelha no Estádio Olímpico de Beirute.

Brazilian way of life

Refulge, nesse contexto internacional, o apelo carismático, espontâneo e instantâneo do Brasil, reconhecido e associado em muitas regiões à sua notável e particular personalidade esportiva. É quase um "selo" internacional, um *Made in Brazil*, referido à imagem do país.

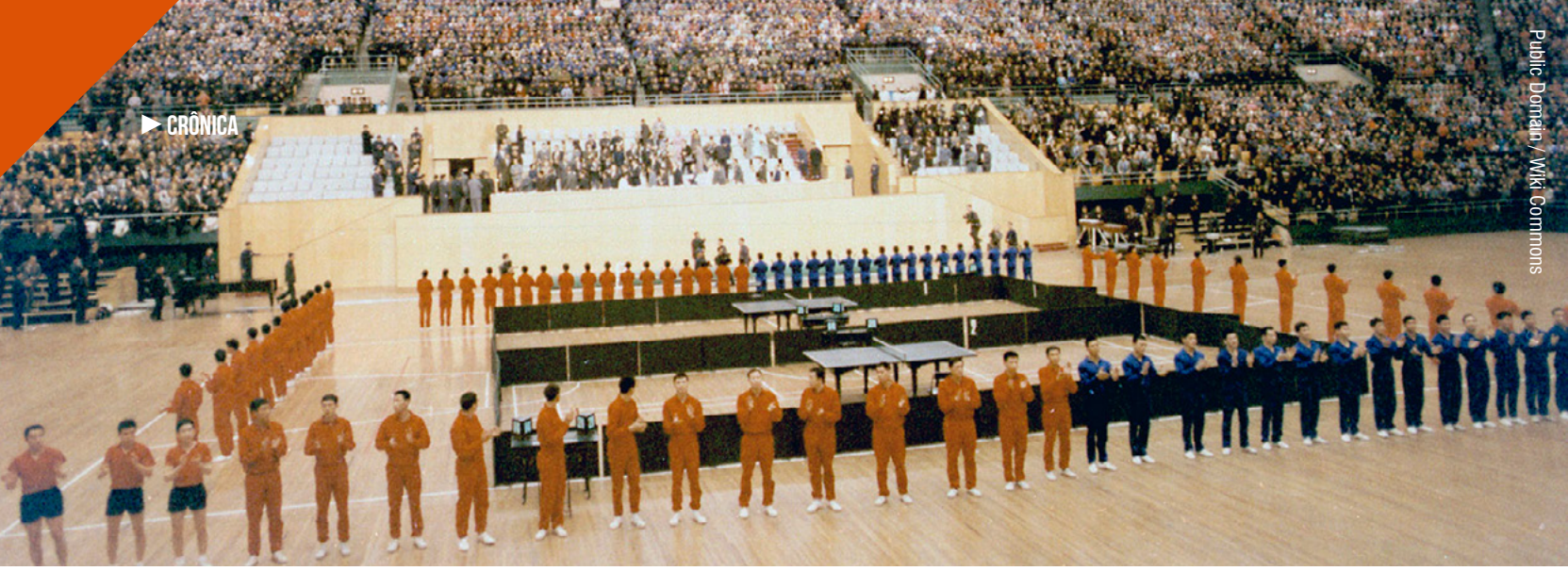
Numa comparação circulada na Embratur, cogitou-se propor sugestivamente que, se "a moda é francesa", "o *design* é italiano" e o "*way of life* é norte-americano", o "esporte (futebol) é brasileiro", um logotipo equivalente ao sugestivo título do livro *Futebol, the Brazilian Way of Life*, lançado em 2002 por Alex Bellos, correspondente dos jornais ingleses *The Guardian* e *The Observer no Brasil*.

Na carteira da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), os pedidos e ações observam demandas originadas da América Latina, Caribe e África. Com a Guiné-Bissau, por exemplo, havia o projeto "Esporte educacional", com base na experiência do projeto Santo Amaro, da Universidade Federal de Pernambuco, que trata da integração do esporte com a educação nas vertentes de reforço escolar, educação para saúde, arte e ensino, reforço alimentar, práticas atléticas e ações complementares, com vistas à reprodução daquela iniciativa brasileira na Escola Nacional de Educação Física de Guiné-Bissau.

Num período de ofensiva setorial do governo brasileiro, entre 2003 e 2004, acordos de cooperação espor-

Marcello Casal Jr / Agência Brasil

A Copa do Mundo da África do Sul, em 2010, reuniu público estimado de 50 bilhões de pessoas e serviu para lançar imagens, projetar valores e promover interesses diversos



A diplomacia do pingue-pongue também foi utilizada, nos anos 70, para promover a aproximação dos Estados Unidos com a República Popular da China

tiva específicos foram firmados com Angola, Moçambique, Namíbia, São Tomé e Príncipe. No plano externo, portanto, o tema do esporte, por sua presença substantiva cada vez maior no adensamento da agenda e das relações internacionais do país, interessa mais ainda às atribuições do Ministério das Relações Exteriores.

Duplo benefício

Sobressai preferência espontânea derivada fortemente da admiração quase mística da seleção brasileira de futebol, irradiada para a imagem do país. É notável que, na véspera do jogo semifinal entre Brasil e Inglaterra no campeonato mundial de 2002, o influente jornal inglês *The Guardian* publicasse editorial em que convocava os leitores a ouvirem com atenção o hino nacional brasileiro, qualificado como o mais belo da Copa, mais vibrante até mesmo do que a Marselhesa, e com uma letra sem o tom agressivo da marcha francesa, definindo-o como "outro presente do Brasil para a Humanidade".

Nas operações de grandes corporações transnacionais e no proscênio político-público internacional, o esporte reveste base de contatos, concorrências, contratos privados e instrumental de relacionamento interestatal. Pode representar, portanto, um prolongamento ou faceta particular da própria política.

A diplomacia do pingue-pongue usada para destramar diferendos políticos e aproximar os Estados Unidos da República Popular da China, os históricos confrontos entre soviéticos e norte-americanos por medalhas olímpicas, paradigmáticas das virtudes dos respectivos regimes, e as complexas negociações bilaterais e parlamentares esquadrinhadas na disputa para sediar Copa do Mundo ou Olimpíada, entre tantos exemplos, mostram que, numa outra variação da elástica série de paráfrases do teórico militar Clausewitz, o esporte pode ser continuação da política por outros meios.

Para o Brasil, nos três principais quesitos – de afirmação de valores e interesses nacionais, geração de negócios e projeção de imagem externa positiva –, o vetor esportivo oferece oportunidades singulares e repercussivos resultados. Para o Itamaraty propriamente, maior envolvimento na questão propiciaria duplo benefício: de prestigioso reconhecimento interno, por provar interesse participativo em tema relevante e representativo da sociedade brasileira, e de revalorização de sua atuação externa, por conseguir ativar recursos, alguns ainda latentes, vantajosos para o protagonismo do país nas relações internacionais.

Observações recolhidas de Tese de Altos Estudos intitulada "O esporte e as relações internacionais. Negócios, negociações e projeção de imagem externa via manifestações esportivas", depois transformada no Livro "Esporte, poder e relações Internacionais", publicado pela Funag e que alcançou 3ª edição. O trabalho serviu para subsidiar no Itamaraty a percepção do ferramental do esporte como soft power da identidade, idiossincrasia e projeção internacional do Brasil, ensejou a criação da Coordenação-Geral de Cooperação Esportiva, relacionou temário e roteiro de providências pela rede diplomática que contribuíram para a captação da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016.

Douglas Wanderley de Vasconcellos, embaixador aposentado.

Frank, um diplomata completo

No dia 21 de agosto, faleceu, no Rio de Janeiro, o embaixador Francisco Thompson Flores Netto. A **Revista da ADB** *presta uma singela homenagem ao nosso colega publicando este texto, produzido pelo embaixador Affonso Alencastro Massot.*

Dia de imensa tristeza pela morte de meu cunhado embaixador Francisco Thompson Flores Netto, o Frank.

Foi ele para mim como um irmão mais velho, cujo convívio de diplomata recém-formado me inspirou para a escolha que fiz desta carreira.

Tomou-me pela mão quando eu tinha 16 anos e levou-me a seus velhos mestres de línguas Louise Jaquier, extraordinária professora com quem aprendi francês, e John Mulholland, para que aperfeiçoasse meus conhecimentos na língua inglesa, *in illo tempore* indispensáveis para ingressar no Itamaraty.

A ele também devo a iniciativa de ter-me apresentado a José Guilherme Merquior, então jovem aluno do Instituto Rio Branco, de quem tive o privilégio de receber aulas preciosas que beiravam a genialidade de introdução às literaturas francesa, inglesa e italiana dos séculos XIV, XV e XVI, em curso de cultura geral organizado por Álvaro Valle.

Fonte de inspiração

Convivíamos diariamente em casa de meus pais, enamorado que estava ele de minha linda irmã Anna Maria, com a qual viria a se casar.

E se ele me inspirou vocacionalmente, também me iluminou profissionalmente.

Frank foi um diplomata completo.

Tinha estilo, o que é raro. Era avesso à intriga, bom colega, tranquilo e *low profile*.

Brilhava naturalmente e não errava em suas ponderadas decisões.

Competentíssimo, grande senhor, perspicaz, gentil, bom *causeur*, hábil político e firme negociador, era patriota e intransigente na defesa dos interesses brasileiros, imbuído que foi sempre do sentimento da grandeza do Brasil.

Trajetória no Itamaraty

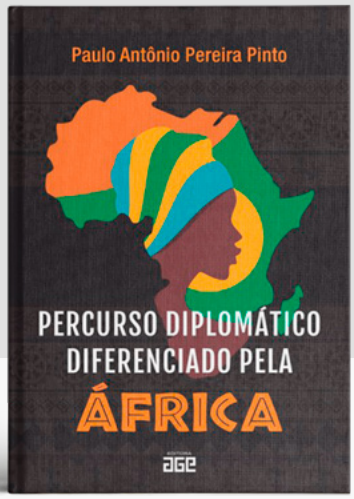
Como subsecretário de Assuntos Econômicos e Comerciais, apoiou e ajudou a implantar com pioneirismo as bases do Mercosul.

Foi embaixador na Alemanha e em Buenos Aires; vice-diretor geral da Organização Mundial do Comércio e embaixador no Uruguai, funções que exerceu com brilho inigualável, nas quais foi perfeitamente secundado pela elegância discreta e dedicada de minha irmã.

Concluiu sua carreira no posto de importância especialíssima de embaixador no Vaticano, junto ao grande papa João Paulo II, a quem ele e minha irmã, convictamente católicos, admiravam profundamente e a quem também muito suplicaram pela beatificação de Frei Galvão.

Frank partiu, mas não nos deixa. Estará sempre presente, pela sua vida e exemplo, em nossa viva memória e em nosso melhor pensamento.

Affonso Alencastro Massot, embaixador aposentado.

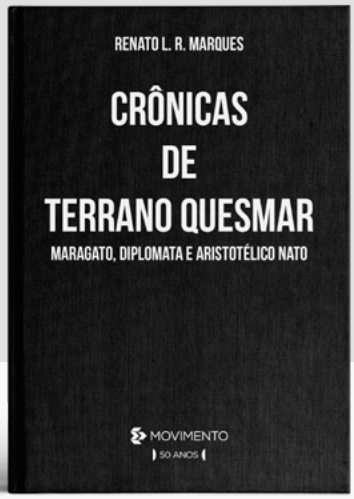


PINTO, Paulo Antônio Pereira
PERCURSO DIPLOMÁTICO DIFERENCIADO PELA ÁFRICA
AGE Editora, 2021. 112 páginas.

O livro teve como ponto de partida convite feito ao autor para participar da coleção de crônicas sobre as atividades da carreira diplomática. Nele, o autor compartilha experiências profissionais e familiares em Moçambique, África do Sul e Zimbábue, nas décadas de 1970 e 1980, bem como a respeito de missões transitórias mais recentes, no Burkina Faso e Benim. O intervalo de quase 30 anos entre os dois períodos permitiu ao autor testemunhar momentos distintos: aquele em que predominava, na África Austral, a determinação de que "a luta continua" e a fase em que "a negociação deve perseverar".

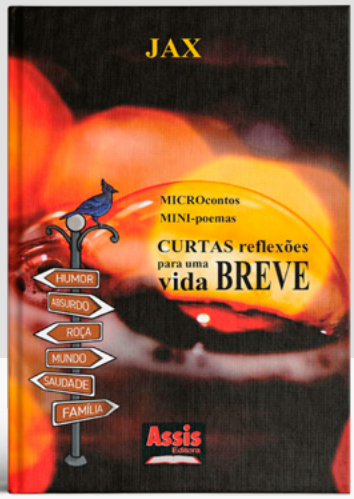
SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes
EUCLIDES DA CUNHA: UMA BIOGRAFIA
Editora Todavia, 2021. 432 páginas.

Escrito pelo mesmo autor de "Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco", o livro lança luz sobre episódios da vida de Euclides da Cunha que permanecem pouco explorados, como sua expedição à Amazônia e a passagem pelo Itamaraty, além de trazer novas interpretações sobre eventos mais conhecidos, sublinhando contradições entre o discurso e os fatos. O resultado final realça a profunda humanidade do militar, engenheiro, jornalista, cientista, literato e cartógrafo, que faleceu aos 43 anos.



MARQUES, Renato L. R.
CRÔNICAS DE TERRANO QUESMAR: MARAGATO, DIPLOMATA E ARISTOTÉLICO NATO
Editora Movimento, 2021. 410 páginas.

As crônicas abordam, com variadas doses de pessimismo e ironia, a vivência do autor no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no início de Brasília. A obra também aborda o relacionamento do Brasil com os EUA, a integração europeia, a formação do Mercosul e sua experiência como embaixador em países da Europa Oriental, em um momento de reafirmação da influência russa. Com relatos marcados por um enfoque político, econômico e cultural, sem perder de vista o lado anedótico da história, sublinhada por uma rica coleção de fotos.

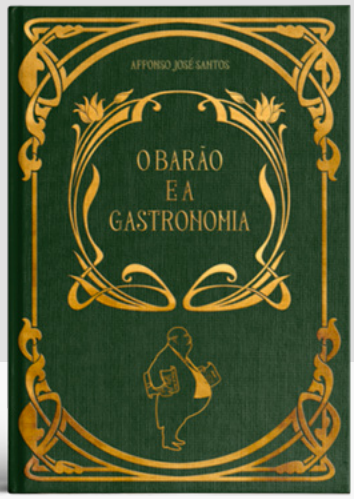


PIMENTA, Fernando Jacques de Magalhães
MICROCONTOS MINI-POEMAS CURTAS REFLEXÕES PARA UMA VIDA BREVE
Assis Editora, 2020. 160 páginas.

Coletânea de microcontos e mini-poemas do diplomata Fernando Jacques de Magalhães Pimenta, o JAX. Nas palavras do embaixador Felipe Fortuna, que prefacia a obra, "Existe nas peças mínimas trazidas a este livro uma engrenagem que articula humor e desencanto, riso e suspiro". Cada uma das leituras é uma espécie de crônica dos aspectos mais indigestos – e também comezinhos – da condição humana.

NETO, Hélio Franchini; TURNER, Ivy Brasil Gonçalves Franchini
UM POUCO DE DIPLOMACIA
Editora Saraiva, 2021. 184 páginas.

O livro traz uma introdução sobre a carreira diplomática, contando um pouco da história da profissão e apresentando conceitos e bastidores do mundo diplomático para todos aqueles que desejam conhecer um pouco mais de uma função que é de extrema importância para as Relações Internacionais. Os autores compartilham com o leitor suas experiências de carreira, ensinamentos adquiridos com colegas diplomatas do Brasil e do exterior e apresentam um livro com leis, regras e práticas que compõem o arcabouço de estudos sobre a Diplomacia.



SANTOS, Affonso José
O BARÃO E A GASTRONOMIA
Editora Ideal, 2021. 217 páginas.

O autor narra como o patrono da diplomacia brasileira utilizou a gastronomia como instrumento complementar da diplomacia nacional. Durante o período em que viveu em Berna para acompanhar de perto a fase culminante do contencioso lindeiro com a França – questão arbitrada pela Confederação Suíça –, o Barão do Rio Branco manteve intensa e apurada atividade social em sua residência, logrando conquistar a simpatia e a boa vontade das autoridades suíças na decisão que resultou na incorporação definitiva de 260 mil quilômetros quadrados ao território brasileiro.

O sósia

No périplo pelos países africanos em 1972, o chanceler Mário Gibson Barboza adoeceu em Libreville, capital do Gabão. Na programação oficial, constava uma visita a uma cidade do interior do país, mas se sentia sem condições físicas de viajar.

Ao ser comunicada a chancelaria local sobre esse fato inesperado, o chefe do Cerimonial gabonense, já tendo organizado toda uma festiva recepção naquela cidade, perguntou se o embaixador Wladimir Murtinho, integrante da missão e chefe do Departamento da África, não poderia substituí-lo.

Como o povo local não conhecia o nosso chanceler, o diplomata do Gabão achou que não haveria sequer necessidade de avisar que Murtinho não era Gibson. Assim se fez e Murtinho todo o tempo foi chamado de chanceler...

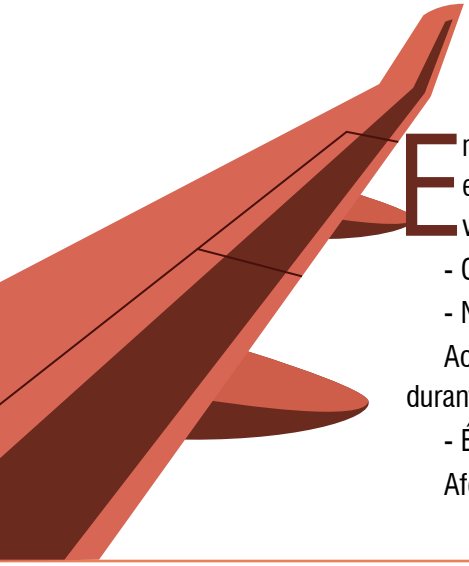
O Santos declara a paz

Nos anos dourados do rei Pelé, o Santos Futebol Clube estava excursionando pela África, quando, em Dacar, recebeu convite para jogar em Libreville e Brazzaville, ex–capitais dos antigos Congo belga e Congo francês respectivamente, que estavam em plena guerra. Como jogar?

A direção do clube já havia decidido cancelar os compromissos quando chegou uma proposta dos dois governos: se o Santos fosse jogar nas duas cidades, os países se comprometeriam a suspender as hostilidades durante a partida.

Assim aconteceu. Os dois países pararam a guerra a fim de assistir ao Santos do Pelé contra as seleções. Quando o Santos partiu, eles retomaram o conflito.

Oficinas não voam



Em sua conhecida coluna, o jornalista Cláudio Humberto conta que Afonso Arinos de Melo Franco era ministro das Relações Exteriores de João Goulart e tinha pavor de avião. Certa vez, ao concluir visita a Portugal, ele se despediu do presidente anfitrião, Américo Tomás, que tocou no assunto:

- O senhor gosta de avião?

- Não muito, excelência...

Ao invés de tranquilizar o chanceler brasileiro, Tomás fez um comentário que o atormentaria durante todo o percurso de volta:

- É, enquanto eles voam lá em cima, as oficinas continuam cá embaixo ...

Afonso Arinos morreu falando mal de Américo Tomás.

Trecho de *Os bastidores da diplomacia: o bife de zinco e outras histórias, do* embaixador **Guilherme Luiz Leite Ribeiro.**

ASSÉDIO NO TRABALHO É CRIME!

A ADB alerta aos(às) diplomatas sobre condutas inadequadas no local de trabalho. Tomem nota de algumas atitudes que configuram assédio moral ou sexual.

- Elogios por razões não associadas ao trabalho, que causam incômodos.
- Comentários sexistas que lhe diminuem como profissional.
- Tratamentos com condescendência, supondo fragilidade ou inteligência menor que os demais.
- Gritos ou palavras que causem humilhação diante de outros.
- Colocar a mão no seu corpo sem que você autorize.
- Propostas sexuais não solicitadas.

ADB

VAMOS PREVENIR, COMBATER E DENUNCIAR O ASSÉDIO!

ADB | ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMATAS BRASILEIROS

ADB SINDICAL

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios - Palácio do Itamaraty | Anexo I, 3º Andar, Sala 329 A, Brasília – Brasil
CEP: 70170–900 | Telefones: (61) 2030-6950 / 3224-8022 | secretaria@adb.org.br | www.adb.org.br